

3 - O TURISMO “ÉTNICO” NO RIO DE JANEIRO



Fig. 08 – Dentro de um ônibus de turismo

Parece estranho para um brasileiro pensar a dinâmica de um mundo racialmente polarizado, quando esta é a percepção de mundo que o “etnoturista” traz consigo. Este é, na realidade, o desafio que enfrenta o *trade* turístico carioca no que diz respeito à confecção de roteiros ditos “afro-brasileiros” para os “negros” norte-americanos. Nunca tinha me passado pela cabeça um ônibus somente com turistas “negros”, tal qual a foto apresentada acima! Tampouco passa pela cabeça dos brasileiros em geral que tal configuração seja possível, pelo menos não no Brasil. Isto resulta em uma tensão: de um lado está o mercado “afro-americano” com sua visão racial bipolar do mundo e interessado na herança africana (significa dizer “negra”) do Brasil; e do outro lado, o *trade*

turístico carioca que, balizado pelo “ideal de democracia racial” no qual acreditam os brasileiros, enfrenta o desafio de acomodar as demandas do mercado “afro-americano”, entendidas algumas vezes como racistas e indesejáveis, e defendendo princípios culturais nacionais.

Apesar do estranhamento dos brasileiros ao modo de relações raciais bipolar norte-americano, não menos estranho é para um “etnoturista” norte-americano entender o ideal de democracia racial brasileiro. Segundo eles, mais difícil ainda é ver um país como o Brasil, onde é suposta a existência de uma igualdade racial, e que, no entanto, revela enormes desigualdades econômicas que podem ser explicadas através de uma leitura racializada. Neste capítulo, procuro dimensionar esta tensão proposta, utilizando dois exemplos: de um lado uma possível percepção desta tensão pelo *trade* carioca e, do outro, a dos “etnoturistas” norte-americanos.

3.1 A configuração da tensão

Todos os grupos que fizeram parte do meu campo, deixaram claro o descrédito e a desconfiança com os quais a maioria dos “etnoturistas” norte-americanos vêem a idéia de “democracia racial brasileira”. Como diria o antropólogo Peter Fry: “As representações não são menos reais que as relações sociais”⁷³. Ao partirmos deste pressuposto, o ideal de “democracia racial” brasileiro passa a ser tão real quanto a visão de mundo bipolar norte-americana, no que se refere às “relações raciais”. É intrigante e instigante ao mesmo tempo, portanto, pensar que a força que atrai estes turistas ao Brasil (a herança africana na cultura nacional), por eles entendida como “cultura afro-brasileira”, aqui seja entendida exclusivamente enquanto “cultura brasileira”. Talvez, seja entendida como “afro-descendente” ou “afro-brasileira” por uma minoria de brasileiros, mas isto definitivamente não vem a ser regra nacional. Um exemplo disso será o fato de uma agente viagens, o qual mencionarei no próximo sub-item, ter deduzido que eu, por ser “negro”, teria mais conhecimento da “cultura afro-brasileira” e que isto me habilitaria a trabalhar com “etnoturistas”. Conteúdo que ela própria, apesar de brasileira, parecia desconhecer.

Um outro ponto crucial que está em jogo, é o fato de “localizar” o racismo na sociedade brasileira, visto que em uma sociedade bipolarizada, o racismo só pode estar em dois lugares, ao passo que em uma “democracia racial” o racismo pode estar em qualquer lugar. Mais que isso, numa sociedade que condena o racismo como o Brasil, ele pode estar camuflado. O que significa dizer que pode estar em algum lugar qualquer... e não localizável.

Dito isto, uma das etapas mais difíceis das minhas excursões com os “afro-americanos” é explicar a não existência de uma sociedade exclusivamente “afro-brasileira”. No grupo da estação de rádio KJLH do meu trabalho de campo, sobre o qual me debruçarei no sub-item 3.3, ficou claro que a pergunta-chave para eles era:

⁷³ Ver Fry, P. (1996:126).

“Por que os ‘negros’ brasileiros parecem estar tão defensivos à idéia de existência de uma cultura afro-brasileira?”

Grupo KJLH

Para que o leitor possa acompanhar meu raciocínio, no que diz respeito à relevância da demarcação racial para os “negros” norte-americanos, mostro, no “Anexo 1”, cópias de algumas fichas preenchidas para registro nos hotéis, nas quais, ao declararem suas nacionalidades, os hóspedes escreveram: “*African-American*”, “*Black*” e “*Black USA*”.⁷⁴ E para complementar a compreensão deste “*Black USA*”, coloco, no Anexo 2, o mapa dos EUA, retirado do *website* do governo norte-americano, sobre o censo de 2000, em que é possível visualizar a demografia da América “negra”. Ou seja, estes são turistas para os quais existe um universo “afro-americano”. E é a partir deste referencial de compreensão de mundo que esperam encontrar no Brasil não somente uma população “afro-brasileira”, mas um Brasil “negro”. Afinal, não seria este o país que, fora da África, possuiria a maior população “afro-descendente” do planeta?

Na realidade, não somente é esperado encontrar um Brasil “negro”, mas, sobretudo, um país consciente de sua participação em uma diáspora africana da qual os EUA também fariam parte. A idéia da existência de um “*Black USA*”, poder ser bem representada na fala de uma das turistas:

“[...] você já nasce aprendendo a ficar com o seu próprio povo! Você deve ser o que você é... ser ‘negro’. Independentemente da sua origem (*background*), mesmo que seja misturada (*mixed*), para eles (os ‘brancos’) você é ‘negro’. Portanto, eu escolhi ser ‘negra’! Eu também tenho origem miscigenada! Mas eu escolhi ser ‘negra’!”

Turista do Grupo KJLH

⁷⁴ FNRH – Ficha Nacional de Registro de Hóspedes, preenchida quando da entrada do hóspede no hotel. Para exemplificar, ver cópias das fichas preenchidas por alguns turistas pertencentes aos grupos 16 e 18 (da tabela de trabalho de campo) no anexo 1.

Ao refletir sobre a declaração relatada acima, temos um exemplo da tensão existente nas “relações raciais” nos EUA, a qual produziu uma “cultura afro-americana” em que os “negros” daquele país teriam como referência identitária sua afro-descendência e na qual, segundo Fry, seria o *lócus classicus* do modo bipolar⁷⁵. Essa construção enquanto grupo identitário, no que diz respeito à projeção no mercado econômico, resultou no aparecimento de uma série de produtos e serviços criados especificamente para aquela parcela da população. Como não poderia ser diferente, o turismo também criou produtos para atender a este tipo de demanda. Os chamados roteiros étnicos seriam produtos que teriam seus interesses centrados nas raízes e referências africanas, tanto nas Américas quanto na própria África. O Brasil entra no mapa de destinos étnicos afro-descendentes principalmente através de duas cidades: Salvador e Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, curiosamente, a princípio não seria pensado como um destino do turismo étnico, dito “afro-brasileiro”. Salvador seria a cidade possuidora do estereótipo em que uma “verdadeira cultura afro-brasileira”, latente e explícita, seria encontrada⁷⁶. Obviamente que o fato da visibilidade em Salvador, das tradições compreendidas pelos “negros” norte-americanos como “afro-brasileiras”, fazem com que sua cultura local seja mais facilmente transformada em produto turístico. No entanto, o fato de ser um portão de entrada para o turismo nacional, combinado com a fama enquanto destino turístico tradicional, faz com que o Rio seja combinado com Salvador na maior parte dos pacotes que trazem “negros” norte-americanos ao Brasil. Afinal, segundo Celso Castro, o “Zé Carioca” teria sido um dos personagens-símbolo “do impacto que o investimento político e cultural americano trouxe para a imagem do Brasil no exterior” durante a Segunda Guerra Mundial⁷⁷. Ou seja, como roteiro étnico ou não, a cidade do Rio de Janeiro e os cariocas fazem

⁷⁵ Ver Fry, P. (1996:133).

⁷⁶ Pinho, P. (2002) afirma que: “O desejo de encontrar a ‘cultura negra original’ tem desviado os etno-turistas do trajeto predominante no Brasil, que normalmente concentra os turistas internacionais nos cartões postais do Rio de Janeiro”. Já vimos que em lugar de serem “desviados” para a Bahia, esses turistas combinam em seus roteiros as duas cidades.

⁷⁷ Ver Castro, C. (2001:122).

parte das representações sociais existentes sobre o Brasil nos EUA e no mundo. É preciso lembrar que apesar da existência de uma “sociedade afro-americana”, esta faz parte da sociedade americana e está exposta aos seus valores e referenciais. Como não poderia deixar de ser, ao pensarem em uma viagem ao Brasil, os agentes de viagens “negros” norte-americanos tentam criar programas com foco na cultura “afro-brasileira” para atender à essa demanda do mercado, e acabam por pressionar o *trade* turístico carioca para a confecção do mesmo.

Durante os dez últimos anos, houve uma tentativa de afirmar o Rio de Janeiro como um destino capaz de se enquadrar também em roteiros étnicos para “afro-americanos”⁷⁸, o que me ajudou a esclarecer algo que não parece estar claro para todos que trabalham com este mercado na capital carioca, e que poderia ser visto como um dos objetivos centrais de turistas que compram tal produto e que combinam as cidades de Salvador e Rio de Janeiro. O fato é que, ainda que em primeira análise pareça que a “verdadeira cultura afro-brasileira”, que se mostre óbvia e visível ao ser transformada em produto turístico, seja o único centro das atenções desses turistas, uma análise mais cuidadosa nos mostra que outro possível foco de interesse deste mercado estaria centrado na forma em como se dão as “relações raciais” no Brasil, ou seja, como vivem os “negros” no Brasil, os “*brothers*” brasileiros. Visto isto, o sucesso de um programa étnico “afro-brasileiro” está tão dependente em ter para mostrar típicas baianas pelas ruas de Salvador e com torços amarrados em suas cabeças (exemplo de uma suposta africanidade “verdadeira”), quanto em poder estabelecer uma espécie de “observação participante” de como o “negro” está posicionado na sociedade carioca. Mais que isso, seria então a experiência de como este turista, enquanto conhecedor da dinâmica “racial” nos EUA, se percebe quando transportado para a dinâmica “racial” carioca. Assim têm sido direcionados a maioria dos programas étnicos afro-brasileiros no Rio de Janeiro

⁷⁸ Em um dos capítulos de minha monografia de final de curso de graduação, chamado “Da resistência escrava ao turismo étnico”, descrevo na íntegra um roteiro desenvolvido para os repórteres “negros” americanos da revista *Travel Beyond Borders*. Ver Ferreira, M. (2002).

onde mostra-se a cidade apontando, refletindo e discutindo sobre o que significa ser “negro” nesta sociedade⁷⁹.

Em primeiro lugar, o fato de serem turistas norte-americanos demanda uma cuidadosa comparação entre o que eles (os turistas) entendem como “relações raciais” (que se baseia nas suas experiências de vida nos EUA) e como as “relações raciais” se dão no Brasil (considerando diferenças centrais como “modo bipolar” e o ideal de “democracia racial”). Em segundo lugar, está a peculiaridade do atrelamento do racismo no Brasil estar tão diretamente relacionado ao posicionamento de uma significativa parcela da população “negra” e “mestiça” na base da pirâmide de classes sociais, onde uma relação direta entre “ser negro” e “ser pobre” não deveria ter seus efeitos subestimados⁸⁰. Em terceiro lugar, conseguir fazer com que esses turistas experienciem (porque é disso que se trata a atividade turística, experienciar a vida de determinadas localidades) a sociedade carioca enquanto “negros” (fator do qual não abrem mão!) e, ao mesmo tempo, equiparados às classes no topo da pirâmide social no Brasil. E, por fim, já que se trata de vivenciar a sociedade brasileira, passa a se tratar também de vivenciar o “ideal de democracia racial” ao qual esta se circunscreve.

Dito isto, turistas “negros” norte-americanos na cidade do Rio de Janeiro apresentam-se como um intrigante componente na atividade turística carioca, sobretudo porque nos ajudam a compreender, sob novos ângulos, as “relações raciais” no Brasil a partir da comparação com os EUA, visto que existe uma superposição do sistema de “classificação racial” americano – por ser esta a forma que este turista percebe o mundo – com o sistema de “classificação racial” brasileiro – por ser esta a dinâmica social em que este mesmo turista se encontra temporariamente inserido.

⁷⁹ Para um exemplo mais atual, mostro, no anexo 8, a íntegra de um programa vendido pela agência norte-americana *Consolidated Tours Organization*, situada em Atlanta. Este, na realidade, foi o programa do grupo de nº 09 do meu trabalho de campo.

⁸⁰ Aqui é importante atentar para o fato de que, como veremos, o único argumento que os “negros” norte-americanos lançam mão para apontar o racismo no Brasil, é o fato de não encontrarem “afro-descendentes” em posições-chave no mercado de trabalho carioca.

Meu intuito, com este sub-item, foi apresentar o quadro de disputa de poder que se desenha quando do aparecimento da demanda mercadológica norte-americana por roteiros étnicos ditos “afro-brasileiros” na cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, se dá um confronto do modelo racial “bipolar” norte-americano e do “ideal de democracia racial” brasileiro. Essa disputa resulta não somente no que diz respeito à adaptabilidade e habilidade do *trade* turístico carioca, no que se refere a responder a esta demanda, balizado pelo formato das “relações raciais” no Brasil; mas, também, na adaptabilidade e habilidade dos turistas “negros” norte-americanos em vivenciar o “ideal de democracia racial”.

3.2 Um exemplo da percepção do *trade* carioca



Fig. 09 – No Corcovado

Quando penso em uma forma de descrever a percepção na qual o *trade* turístico carioca lê a execução destes roteiros, um dos exemplos que me vêm à cabeça é o da primeira vez que fui chamado para guiar⁸¹ um grupo de “afro-americanos”⁸². Isso foi no início da década de 90, quando uma grande e renomada agência de viagens do Rio de Janeiro me telefonou para saber da minha disponibilidade para um determinado período. “Nossa!!!!” - pensei então –

⁸¹ Vale mencionar que exerço profissão de Guia de Turismo desde 1987 e, devido à minha formação acadêmica em Ciências Sociais, dedico-me exclusivamente à compreensão da articulação da Antropologia com o Turismo, tanto no *Trade* turístico quanto na Academia. Hoje sou visto pelo *trade* como especialista em grupos de “*African-Americans*”.

⁸² Os grupos de turistas “negros” norte-americanos são chamados pelos mais diversos nomes pelo *trade* turístico do Rio de Janeiro. Os mais freqüentes são: “Negros Americanos”, “Afro-Americanos”, “*Black Americans*” e “*African-Americans*”.

“a grande sorte teria batido à minha porta⁸³”. No entanto, muitas perguntas me atordoavam: como teriam conseguido meu telefone? Por que uma agência tão famosa contrataria um guia iniciante? Como os veteranos reagiriam? O que exatamente esperavam de mim? Enfim, uma série de questões que pensei poder responder, total ou parcialmente, após a entrevista que havia sido marcada para o dia seguinte. Bom... no “*day after*”, obviamente, estava eu lá! Muito nervoso, mas tentando ser o mais simpático, agradável e educado dos seres, afinal esta era a minha porta de entrada para o restrito grupo de guias de receptivo da cidade. Na hora da entrevista, a gerente mal testou meu inglês e, para minha surpresa, imediatamente após disse:

“Que ótimo que você pode trabalhar para nós! Este é um grupo de aproximadamente 600 passageiros ‘afro-americanos’ que estão interessados na ‘cultura negra’ do Brasil. Você entende de ‘cultura negra’, não é? Na realidade, eles exigiram que todos os guias fossem ‘negros’... você vê que absurdo!!! Mas nós resolvemos não ceder, vamos dar para eles guias de todas as ‘cores’, exatamente como é aqui no nosso país: misturado. Você vai ver... é impressionante como os ‘negros’ norte-americanos são racistas! Mas aqui no Brasil, nós não vamos admitir este racismo de forma alguma!...”.

Gerente da agência de turismo

E assim foi minha entrevista para a que viria ser a primeira das minhas agências regulares como prestador de serviços.

Após a entrevista, no entanto, em vez de ter minhas questões respondidas, voltei pra casa com muitas outras questões e um problema urgente, afinal eu tinha uma semana para me tornar um *expert* em cultura “negra” no Brasil! Por

⁸³ Como em boa parte das profissões, o início requer treinamento em posições menos privilegiadas. Existe uma hierarquia estabelecida entre os guias de turismo que é definida também a partir do tempo de experiência. O guia do turismo receptivo é entendido no topo desta hierarquia.

algum motivo, aquela gerente (que era brasileira, porém loira) achara que simplesmente o fato de eu ser “negro” me daria um conhecimento diferente do dela sobre a cultura “negra” brasileira... o que me parecera, então, um ledor engano. Mas, como tampouco queria arriscar perder minha oportunidade profissional, na mesma tarde estava eu na Biblioteca Nacional pesquisando. Afinal, nada do que eu estudara no curso de guia, ou até mesmo na escola secundária, teria sido sobre a cultura “negra” no Brasil, com exceção da escravidão. E organizar o que eu sabia sobre escravidão, que confesso era muito pouco, de forma a transformar aquele conhecimento em um *tour* me parecia um grande desafio.

Já no que diz respeito às outras perguntas acrescentadas ao meu repertório... bem, estas teriam que esperar um pouco. Algumas delas seriam respondidas muito em breve, como por exemplo: “O que seria, na realidade, um grupo de ‘afro-americanos’?”; ou “Por que alguém se interessaria especificamente pela “cultura ‘negra’ brasileira” e não pela cultura geral do país, não era tudo uma coisa só?”; ou, ainda, “Porque todos os guias tinham que ser ‘negros’, se uma das coisas boas do Brasil era exatamente a mistura?”. E... por Deus! Que história era essa de “negros” racistas?

Na biblioteca pedi livros sobre escravidão e cultura “negra” e comecei minha pesquisa. Na semana que lá passei, conheci um autor que me foi muito útil para aquele primeiro grupo de “etnoturistas”: Pierre Verger⁸⁴, que obviamente estava catalogado em Antropologia. Aliás, vale comentar que foi exatamente nesta ocasião que me deparei com os estudos antropológicos pela primeira vez. Mais que isso: foi quando o turismo me ensinou o caminho para a Antropologia. Estava escrito por Pierre Verger parte do que eu precisava saber sobre o Candomblé e seus orixás para dizer para aquele grupo de interessados pela cultura “negra” no Brasil. Estava lá em “Orixás”, e ainda está, a descrição: de Iemanjá, do sincretismo com Nossa Senhora Imaculada Conceição e das

⁸⁴ Por orientação da bibliotecária eu viria a conhecer “Orixás”, de Pierre Verger, porque segundo ela, “quem fala de cultura ‘negra’ teria que falar de candomblé em algum momento”.

comemorações durante a última noite do ano!⁸⁵ Assim como estava em "Fluxo e refluxo" não somente a razão para a existência do Candomblé no Brasil, mas sobretudo a ligação da África com o Brasil através do tráfico de escravos. Preciso confessar que pouca coisa entendia deste segundo e que, por fim, me concentrei em sua introdução e nos orixás.

A semana se passara inexplicavelmente muito rápido, e no dia da chegada do grupo, eu e todos os outros guias envolvidos naquele trabalho estávamos no saguão do aeroporto esperando que os passageiros desembarcassem. A espera do desembarque em si já fora reveladora, e começara a responder (aquelas) minhas perguntas que ainda continuavam em aberto. Afinal, não levei muito tempo para perceber que entre os mais de dez guias trabalhando naquela operação, curiosamente os quatro únicos "negros", incluindo eu, eram os únicos que estavam prestando serviços para a dita agência pela primeira vez. Ou seja, uma das maiores agências de turismo receptivo, em volume de trabalho, do Rio de Janeiro no início da década de 90, não possuía sequer um guia que fosse "negro". Ora, ora... não podia deixar de lembrar da indignação da gerente, durante minha entrevista, com relação ao dito "racismo invertido" dos "negros" norte-americanos, ao pontuarem que somente queriam guias que fossem "negros". Digo "racismo invertido" porque era uma construção inversamente proporcional da correlação de poder que em geral é reconhecida como ato racista no Brasil, que teria o "negro" como sujeito do preconceito, e não como ator! E, sobretudo, porque, como vim a observar mais tarde durante meu trabalho de campo, os guias "brancos" que trabalham no turismo freqüentemente se queixam ou relatam serem vítimas do dito preconceito, assim como o *trade* turístico carioca muitas vezes entende o "etnoturista" norte-americano enquanto racista. Enfim, o fato é que se ali, entre aqueles guias, começava a existir uma "democracia racial" era por conta das exigências daqueles clientes, entendidas pelos brasileiros como racistas⁸⁶.

⁸⁵ Ver Verger (2002:190-205).

⁸⁶ Minha intenção é prover, ao longo deste capítulo, exemplos que nos possibilitem visualizar com certa amplitude, a abrangência com a qual a questão "racial" tem permeado o turismo no Rio de Janeiro por conta do segmento "afro-americano".

A experiência do desembarque daqueles passageiros no saguão do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro por si só já mereceria um capítulo à parte, principalmente se considerarmos que mesmo com o passar de tantos anos a cena se repete. Esta é uma das razões pelas quais me autorizei a utilizar aqui um exemplo do passado mais distante. E isso pude constatar, com os olhos mais atentos de quem desenvolve um trabalho de campo, no decorrer da minha pesquisa. Se repete não somente pela brusca mudança de “cor” no saguão do aeroporto, como principalmente pela surpresa que causa a um número incrível de brasileiros presentes ali. Alguns deles, e não são poucos, chegam a ficar inquietos a ponto de se aproximar do guia para perguntar do que se trata, quem são e de onde vêm. Com indagações do tipo:

“Nossa!!! Mas são todos negros?...
Que legal, né? São africanos?”

Brasileiros no aeroporto

Mais que isso: o espanto e a curiosidade dos brasileiros durante o desembarque afirmam a mudança de “cor” do entorno. Aliás, pensando bem, é algo que perdura durante toda a estadia do grupo com relação à maioria dos locais que freqüentam no Rio de Janeiro.

Imaginemos, agora, o desembarque de 200⁸⁷ passageiros “negros” norte-americanos em vôos chegando em um mesmo horário. Os guias no saguão segurando placas com o nome do grupo, em meio a vários outros guias, motoristas e as pessoas que estavam esperando amigos ou familiares⁸⁸. Quando os passageiros começaram a sair da área restrita, a primeira providência foi conferir e assinalar seus nomes na listagem e esperar até que

⁸⁷É preciso dizer que o grupo vinha de locais diferentes dos EUA, em vôos diferentes e estava subdividido em grupos de 200, que chegariam em três dias diferentes. Outro dado importante é que no Rio de Janeiro, os maiores ônibus possuem 54 lugares, o que significa que em uma chegada de 200 passageiros, provavelmente serão usados 4 ou 5 ônibus/guias.

⁸⁸A grande maioria dos vôos internacionais chegam ao Rio de Janeiro pela manhã, e é muito comum ter quatro ou mais vôos desembarcando ao mesmo tempo.

tivéssemos reunido um número aproximado do predeterminado para a liberação do primeiro ônibus/guia, de 40 a 50 passageiros. Então foi aí que o quadro começou a se formar: quando um “negro” após o outro começou a sair da área restrita e se agrupar junto ao guia. As roupas eram, em geral, em cores fortes, algumas muito coloridas e com uma leve preferência pela combinação do amarelo, verde e vermelho (cores que simbolizam o continente africano). Outras chegavam até mesmo a ter estampas que alguns diriam africanas e sem contar aquelas típicas batas estampadas e coloridas que vão até os pés e que, em geral, são acompanhadas por um adorno na cabeça feito no mesmo tecido. Aliás, o mapa da África era freqüentemente visto em estampas de camisetas e em acessórios como bolsas, brincos e cordões. Os penteados, sobretudo das mulheres, mereceriam um outro capítulo à parte, cabelos brancos, pretos, castanhos, loiros ou vermelhos cuidadosamente arrumados nas mais diferentes formas e estilos: alisados, frisados, trançados, curtos, longos, em coques que davam ar de “senhora distinta”, ou encaracolados e soltos com um toque de “*femme fatale*”. Acho, definitivamente, que os cabelos exercem um papel fundamental no que diz respeito à delimitação e reivindicação de uma suposta “africanidade”, uma forma de indicar a singularidade do “ser negro” e suas possíveis variações no campo da estética enquanto referencial de beleza. As unhas sempre impecáveis... e longas! Pintadas em uma, duas, três ou mais cores, com desenhos ou não, com pedras brilhantes ou não, de porcelana ou não... porém sempre feitas. As malas... muitas malas. Em geral, duas malas por passageiro, o que não é a praxe em outros grupos... por isso a média entre 40 e 50 por ônibus de 54 lugares, afinal era preciso que houvesse espaço para as malas de todos em seus respectivos ônibus, às vezes sobravam lugares em cima, mas embaixo não cabia mais nem uma mala sequer.

Os homens não ficavam atrás no que se refere à utilização de cores fortes, no entanto preciso admitir que menos que as mulheres. Muitos usavam trajes esportivos, como jogadores de basquete, outros o que eles chamam de

“*Hip-hop outfit*”⁸⁹ com calças extremamente largas, tênis e camisetas extra-grande e boné. Tanto os homens quanto as mulheres chegavam com alguns adornos em ouro, o que já no traslado para o hotel deveria ser desencorajado pelos guias em geral.

Mas, voltemos ao saguão do aeroporto, imaginemos todo esse povo reunido esperando a saída do primeiro ônibus, e o número de passageiros que aumentava gradativa e ininterruptamente. A tudo isso, precisamos acrescentar a forma particular com que os “negros” norte-americanos falam, gesticulam, riem e interagem, que é em geral muito espontânea e intensa. Pareciam ter saído de um filme do diretor Spike Lee. Este foi o quadro do desembarque. Na realidade, este quadro viria a ser a introdução da resposta à minha pergunta sobre “o que seriam turistas afro-americanos”. Resposta esta que gradativamente ao, longo dos anos, tomara forma e que tem sua primeira versão apresentada nesta dissertação.

Eu estava alocado para ser o guia do segundo ônibus, ajudei no embarque do primeiro e depois comecei a agrupar os passageiros que iriam comigo. Quando havia aproximadamente 20 passageiros ao meu redor, me chegou um homem de meia idade, óculos bem marcantes, cara de intelectual e um livro muito grosso nas mãos. Se apresentara ao guia que estava conferindo os nomes como “Doutor” Johnson, com uma ênfase explícita e muito bem marcada no título que utilizara, e se juntara ao grupo. Não levei muito tempo para reparar que o tal “título” que estava em suas mãos era exatamente o *Fluxo e refluxo...*, de Pierre Verger, foi quando comecei a me preocupar com relação as perguntas que me poderiam ser feitas. De qualquer modo, ali só tinha um remédio, esperar os acontecimentos. Ao alcançar o número de passageiros que me cabia, encaminhei-os para o ônibus, embarcamos e fomos para um dos hotéis 5 estrelas da orla de Copacabana⁹⁰. O percurso foi tranquilo, basicamente

⁸⁹ Moda que tem como referência o estilo de vestir e os adereços usados por cantores de *hip-hop*.

⁹⁰ Devido ao número de passageiros, este era um grupo dividido entre vários hotéis da orla. Cada guia fora alocado para um mesmo hotel durante toda a estadia do grupo para facilitar os procedimentos e a própria relação com o grupo, visto que gradativamente passageiros e guias

com informações iniciais sobre a cidade, sobre os procedimentos quando da chegada no hotel, sobre a programação dos dias seguintes e ressaltando o foco na cultura “afro-brasileira” que daríamos às excursões dali por diante.

As idéias desenvolvidas acima ficaram mais claras no próximo subitem.

começam a se conhecer. Os quatro guias “negros” foram alocados nos hotéis que possuíam o maior número de turistas, cada um em um hotel diferente.